

# “A Difícil Viagem”, cineasta de vocação

*Hélio Furtado do Amaral*

**D**IA, 24, 20,30 horas, pré-estréia e debate do filme brasileiro *A Difícil Viagem* no Cine Presidente. É a fita de Geraldo da Rocha Moraes, bacharel em Direito sem nunca ter advogado, professor de antropologia sem ser antropólogo, cineasta após lecionar cinema na UnB. Geraldo, com ou sem diploma, nasceu para ser cineasta, uma profissão muito marginalizada. A prova de que Geraldo tem uma outra vocação que a não escolhida pelos pais.

*A Difícil Viagem* é o início e o co-ramento de 25 anos dedicados ao cinema. Uma resposta de que a sétima arte não foi consumida pela televisão, embora se tornasse serva. Não gerei o cineasta Geraldo como fui gerado pelo Padre Guido Logger, sábio holandês, grande crítico. Não gerei mas influí num primeiro instante de consciência para a imagem, para o ver. Para o fazer, o Geraldo não precisou de mim.

1957. Dei um Curso de Cinema na PUC do Rio Grande do Sul. Irmao José Otão era o Reitor. Padre Ivo Lorscheider, mal chegado de Roma, estava no Seminário do Viamão. Também lá estava Ivo Mauri, hoje professor da Universidade Católica de Goiás. Ernildo Stein se iniciava nas primeiras leituras de Heidegger, graças a um jesuita que passara os anos de Filosofia e Teologia só lendo esse filósofo. Ivo Barbieri ainda não conhecido, era estudante. Flávio Moreira da Costa, agora escritor famoso, era um apaixonado pelo cinema. Ernani Paiva Fiori filosofava na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem pensar em ser banido pela Revolução. Armando Câmara também filosofava mas em outra linha e logo renunciaria ao Senado. (Em lugar dele, viria

João Belchior Marques Goulart ou Jango Goulart, que foi mitificado por Glauber Rocha).

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Seminário “Cristo Rei”, em São Leopoldo, dos jesuitas (não havia a Universidade dos Sinos e o Reitor hoje, Padre Marobim, ouvia minhas explicações, em 1956), e o Seminário do Viamão eram centros culturais ou de formação.

Esses centros deram condições ao surgimento do Cine-Clube “Pro Deo” ou do Cine-Clube de Porto Alegre. O de Porto Alegre servia ao estatismo de Gastal fundador do Festival de Gramado e jornalista do *Correio do Povo* o “Pro Deo” atendia ao apostolado de Humberto Didonet, colaborador do *Jornal do Dia*. Mas o próprio Paulo Emilio Saller Gomes anti-católico por natureza ou grandeza, respeitava o movimento dos católicos

Geraldo da Rocha Moraes foi uma exceção: mal saído do Sul, veio para Goiânia e se vinculou ao Cerne, ao tempo do Governador Mauro Borges. Aqui organizou a atividade cineclubística. Logo se foi para Brasília. Tornou-se professor de cinema, enquanto continuava a fazer curta-metragem. Aos 40 e poucos anos, Geraldo lança-se no longa-metragem. Como José Tavares de Barros, curtametragista, professor de cinema na Universidade Federal de Minas Gerais, um dos primeiros candidatos à catedra no País.

Não posso escrever sobre *A Difícil Viagem*, porque só li o roteiro e não vi o filme. A leitura de roteiro nada significa, já que a revelação de valor só existe na fita em si. Corfio na capacidade do Geraldo: capacidade para fazer cinema. Nem me preocupa que em *A Difícil Viagem*, afinal seu primeiro longa, o Geraldo não surja total para a crítica. É prova de que tem valor e merece outros exercícios. E a crítica é falha.